

O IDIOTA E O COMPARTILHAMENTO DA CRIAÇÃO COMO POTÊNCIA POLÍTICO-POÉTICA

Tuini dos Santos Bitencourt (Doutorado, CAPES)

Processos e Métodos da Criação Cênica - PMC

O teatro contemporâneo no Brasil tem utilizado os processos abertos e colaborativos como métodos de desenvolvimento de linguagens e de construção de espetáculos. É como se o teatro na contemporaneidade estivesse procurando acolher os vetores da performatividade nos pilares de sua construção. O espectador ultrapassa o lugar de receptáculo para ser incluído como parte integrante do processo criativo, passando a ter contato com a obra de arte, e se configurando como um agente dos seus mecanismos de elaboração.

Entretanto, nós, artistas-pesquisadores, sabemos como de fato interagir com o espectador contemporâneo? Como fazer com que o espectador seja parte integrante, sem que o mesmo não seja intimidado a participar da cena, e de alguma forma, acabar por afastá-lo, ao invés de convidá-lo para o ato cênico? Como ressaltar a importância do espectador inserido nos processos de composição dos espetáculos hoje? Como alguns grupos vêm investigando mecanismos, metodologias e jogos para o aprofundamento desse tema? (OLIVEIRA, 2011: p. 112).

A pesquisadora e professora Letícia Oliveira, em seu artigo citado acima, lança diversas questões aparentemente simples, mas de importância basilar para as discussões relativas ao teatro contemporâneo e ao modo como se estabelece a relação ator-espectador nesse teatro continuamente atravessado por múltiplos vetores artísticos, filosóficos e culturais.

Jacques Rancière em seu *O Espectador Emancipado* aborda justamente essa necessidade de questionarmos a idéia de um fazer artístico que induza uma participação aparentemente ativa do espectador na cena, bem como de colocarmos em cheque a "oposição entre olhar e agir", entre atividade e passividade, entre artistas e a sociedade em geral. O filósofo sustenta que essas oposições são justamente os mecanismos de manutenção das distâncias, de uma legitimação de uma determinada "divisão do sensível" que seriam "alegorias encarnadas da desigualdade". Segundo ele: "Isso significa a palavra emancipação: o embaralhamento da fronteira entre os que agem e os que olham, entre indivíduos e membros de um corpo coletivo" (RANCIÈRE, 2012: ps. 16 e 17).

Assim, com o objetivo de encontrar possíveis respostas, ou de multiplicar as perguntas, em torno das questões levantadas acima, minha pesquisa de doutorado irá desenvolver uma análise dos procedimentos de construção do espetáculo O

Idiota: uma novela teatral, sobre os quais irei discorrer mais detalhadamente a seguir.

A construção de um campo de experiência em que o público é testemunha constante de pequenos atos de criação - e compartilha do risco e da tensão dos atores imersos no vazio do momento pré-criativo - é um modo de participação que não consiste em incidir materialmente sobre os corpos dos espectadores. A inclusão acontece simplesmente através do compartilhamento e do desnudamento total da gênese do processo de criação e de seus mecanismos. Essa participação é fundamentalmente política, justamente por se instaurar nesse limite de dissoluções de fronteiras e superação de oposições, em que o olhar é também ação.

O espetáculo

O Idiota, uma novela Teatral foi dirigido por Cibele Forjaz e baseado no romance homônimo de Fiodor Dostoiévski. O espetáculo, de 7 horas de duração, circulou diversas cidades do Brasil sendo apresentada em "capítulos" divididos em três dias, ou num único dia com dois pequenos intervalos.

A peça foi dividida em capítulos ligados aos principais movimentos de ação presentes no romance de Dostoiévski. Cada cena correspondia a um desses capítulos, e era realizada em cenários totalmente distintos e distantes entre si. O público tinha que caminhar formando grandes "procissões" para chegar ao próximo lugar da encenação. Os espectadores seguem os atores numa itinerância que dura 7 horas e dá corpo a uma superposição incessante de espaços, narrativas e imagens.



Figura 1 Imagem do espetáculo . Disponível em:

http://www.spescoladeteatro.org.br/enciclopedia/index.php/O_Idiota_-_Uma_Novela_Teatral

Os cenários e objetos de cena compõem uma profusão visual sempre renovada. Cada cena instaura um novo espaço temporal, pictórico e psíquico. E, ao mesmo tempo, se tem a consciência de que aquele espaço é apenas uma parte do caminho que vai continuar sendo percorrido.

Esses percursos, que instauram “entre-lugares” incorporados pelo espetáculo, são momentos em que os atores estabelecem uma interação muito próxima com o público, construindo uma relação sem distinções ou hierarquias. Não há nada além de muitas humanidades no mesmo percurso.

Os Exercícios Cênicos

A encenação se construiu a partir de *Exercícios Cênicos* assistidos pelo público. Após um primeiro trabalho sobre o material dramaturgico, foram elaborados pequenos roteiros denominados “ENVELOPES”, que continham, cada um, indicações e sugestões referentes às diferentes partes do romance direcionadas a toda a equipe técnica. Esses envelopes nortearam as experimentações realizadas nos dez *Exercícios Cênicos* ocorridos na sede da Cia. Livre, dirigida por Cibele Forjaz.

ENVELOPE 2 | 26.11.2008

SUPEROBJETIVO

Chegar a São Petersburgo,
ir à casa da generala,
arranjar uma casa nova.
Replantar, portanto, uma nova raiz na terra natal.

MOTES PARA TODOS

Míchkin acaba de chegar a São Petersburgo, o extremo oposto da aldeia suíça em que viveu durante os últimos quatro anos. Cosmo-pólis vs. mini-pólis. O conselho de Ragôjan: não confiar na Avenida Niévski. A cidade grande é uma mulher não-confiável (Trechos do ENVELOPE 2).

Os atores recebiam, quatro horas antes das improvisações, as indicações do capítulo a ser trabalhado naquele dia. Cenógrafa, iluminador e figurinista recebiam as mesmas indicações dois dias antes, e desenvolviam propostas com as quais os atores se confrontavam no momento em que entravam “em cena” para a improvisação. O público compartilhava com o elenco esse momento de gênese, de criação, de desconhecido, que não tinha limite de duração temporal. Os Exercícios Cênicos foram, portanto, um processo aberto colaborativo criado a partir de uma combinação muito precisa de elementos específicos.

Às 16h, pontualmente, abríamos o envelope e começávamos a urdir o roteiro da noite. A cada encontro, um pedaço de *O Idiota* ia sendo narrado ao público. Não havia possibilidade de repetição, porque o roteiro era combinado com os atores sentados em cadeiras, sem nenhum ensaio. A consciência de que os improvisos

aconteceriam uma única vez e se desvaneceriam junto com a noite causava em todos um sentimento de rigor e urgência, que respaldava o exercício teatral no melhor sentido. (FORJAZ, 2010).

É importante destacar aqui que as apresentações não eram o resultado de um ensaio ou de um espetáculo inacabado. O público compartilhava com o elenco esse momento de gênese, de criação, de desconhecido, que não tinha limite de duração temporal. A criação acontece no mesmo momento da apresentação, e, desse modo, o *processo de criação* é transformado em *experiência estética*. Essa transformação é essencialmente política, uma vez que esse compartilhamento do risco do momento pré-criativo produz um tipo de engajamento do público muito peculiar, que irá reverberar na lógica de construção de todos os âmbitos do espetáculo.

O objetivo é explorar, a partir desta análise, de que modo é construído um campo de experiência que emana dos agenciamentos entre *experiência estética*, *criação artística* e *política*. Agenciamentos esses que se superpõem para transformar a própria experiência estética em circunstância criativa.



Figura 2 Imagem do espetáculo . Disponível em:

<http://colunistas.ig.com.br/aplausobrasil/2011/06/28/o-idiota-chega-ao-rio-de-janeiro/>

"*Rito teatral explícito*" é como nomeei o procedimento específico de trabalho elaborado para nortear a construção cênica da novela teatral *O Idiota*. Uma tradução para o teatro do conceito de POLIFONIA, palavra cara ao crítico Mikhail Bakhtin, que significa, *grosso modo*, uma encruzilhada de pontos de vista projetados sobre um mesmo acontecimento ou narrativa, um turbilhão incessante de idéias (FORJAZ, 2010).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O Idiota*. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Ed.34, 2002.

FÉRAL, Josette. "Por uma poética da performatividade: o teatro performativo", In Sala Preta, nº 8, 2008, PPGAC-ECA-USP, pp. 197- 210

FERNANDES, Sílvia. *Teatralidades Contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

FISHER, Stela. *Processo colaborativo e experiências de companhias teatrais brasileiras*. São Paulo: Hucitec, 2008.

FORJAZ, Cibele. *A novela Teatral "O Idiota"*. Texto presente no programa da peça diagramado em formato de jornal, em 2010.

Programa da peça *O Idiota: uma novela teatral*

OLIVEIRA, Letícia. "O espectador virtual em processos de criação teatral brasileiros". In CARREIRA, André Luiz Antunes Netto (Org.); BIÃO, Armindo Jorge De Carvalho (Org.); NETO, Walter Lima Torres (Org.) *Da cena contemporânea*. Porto Alegre: ABRACE, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. *O Espectador emancipado*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.